

## CULTURA E O MÉTODO MARXISTA: ALGUMAS REFLEXÕES

## CULTURE AND THE MARXIST METHOD: SOME REFLECTIONS

Recebido em: 12/12/2024

Aceito em: 30/03/2025

Publicado em: 06/06/2025

Luana Souza Santos <sup>1</sup> 

Universidade Federal de Mato Grosso

Breno R. G. Santos <sup>2</sup> 

Universidade Federal de Mato Grosso

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de contribuir com as reflexões acerca da importância do método marxista também nas análises culturais, traçando um breve histórico do surgimento da proposta pós-moderna como alternativa para o mesmo fim, a partir do argumento de engessamento do “marxismo tradicional”. Dialogando com autores como Maria Elisa Cevalco e Marcelo Badaró Mattos, buscamos demonstrar algumas contradições da crítica cultural materialista, bem como proximidades e distanciamento de conceitos como relativismo - na perspectiva pós-moderna - e histórico - dentro do tripé materialismo histórico dialético. Por fim, concluímos que a polarização das duas alternativas metodológicas envolve, também, disputas políticas mais complexas, muitas vezes relegadas a reducionismos intelectuais com um propósito que parece claro: evitar transformações sociais radicais.

**Palavras-chave:** Cultura; Política; Teoria Marxista; Pós-modernismo.

**Abstract:** This paper aims to contribute to the reflections on the importance of the Marxist method in cultural analysis, providing a brief historical overview of the emergence of the postmodern proposal as an alternative for the same purpose, based on the argument of the "rigidity" of traditional Marxism. Engaging with authors such as Maria Elisa Cevalco and Marcelo Badaró Mattos, we seek to demonstrate some contradictions within materialist cultural criticism, as well as the similarities and divergences between concepts such as relativism—within the postmodern perspective—and historical analysis—within the framework of dialectical historical materialism. Finally, we conclude that the polarization between these two methodological alternatives also involves more complex political disputes, often relegated to intellectual reductions with a clear purpose: to prevent radical social transformations.

**Keywords:** Culture; Politics; Marxist Theory; Postmodernism.

## INTRODUÇÃO

O exercício de construir e desconstruir conceitos e ideias é intrínseco ao ofício científico. No âmbito dos estudos culturais, estranhar o comum e naturalizar o diferente se coloca quase como uma metodologia de análise dos estudos propostos. Por isso, a fim de fortalecer o campo de estudos, as próprias metodologias devem ser problematizadas. Até

---

<sup>1</sup> Jornalista e Cientista Social de formação, mestre em Sociologia e discente do Programa de Estudos em Cultura Contemporânea (PPGECCO) da Universidade Federal de Mato Grosso – Doutorado. e-mail: luanaasoutos@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Professor do Departamento de Filosofia da UFMT. E-mail: breno.santos@ufmt.br

porque, não importa apenas conhecer, é preciso transformar, esse é um anseio das pesquisas na área das humanas – mesmo que nem sempre esse objetivo esteja declarado.

Nesse sentido, a teoria marxista aparece como uma importante ferramenta de análise e de transformação. Não à toa, diversos autores dedicam algumas reflexões ao tema. Sherry Ortner, autora de *Antropologia e Teoria Social: Cultura, Poder e o Sujeito Ativo* (2006) e *Cultura/Poder/História: Um leitor em teoria social contemporânea* (1994), Marshall Salins, autor de *Cultura e Razão Prática* (1976) e *Ilhas de História* (1990), Renato Seixas, autor de *Identidade cultural da América Latina: conflitos culturais globais e mediação simbólica* (2008), Venício de Lima, autor de *Mídia: Teoria e Política* (2001) e Maria Elisa Cevalco, autora de *Dez Lições sobre Estudos Culturais* (2003), são alguns dos autores que pontuam tensões metodológicas para análise cultural a partir da lente marxista, citando dualidades como idealismo x materialismo, subjetividade x objetividade, ou mesmo um certo reducionismo à importância dada ao aspecto econômico, materialista, muito embora o método seja denominado Materialismo Histórico Dialético. A crítica ao método marxista aparece como uma justificativa para outras escolhas teóricas – entendendo que metodologia é escolha - que se apresentam como alternativas críticas, inovadoras (Wolf, 2003), superações da teoria marxista, que seriam, entre outras, as teorias pós-modernas.

Em alguns casos, contrariando inclusive a premissa pós-moderna da relativização<sup>3</sup> – aqui, com relação à época e contexto das produções marxistas clássicas -, as críticas se concentram à produção teórica de um dado período histórico que contradiz, inclusive, os ideais marxistas. O “marxismo tradicional”, citado por Cevalco (2003), por exemplo, ao se debruçar acerca da chamada “Nova Esquerda” na Inglaterra, entre as décadas 1970 e 1980 (pós Segunda Guerra Mundial e ainda durante a Guerra Fria), é claramente interpretado pela autora a partir da experiência stalinista, descrita por ela como engessada e autoritária, sendo a teoria marxista, no mínimo, bem mais complexa do que esses adjetivos.

Assim como o conceito de cultura não pode ser compreendido com unicidade, isto é, da mesma forma que devemos considerar a existência plural de “culturas” (Laraia, 2004), é preciso considerar a existência de “marxismos”. Aliás, para além disso, é preciso considerar, também,

---

<sup>3</sup> “A concepção boasiana de cultura tem como fundamento um relativismo de fundo metodológico, baseado no reconhecimento de que cada ser humano vê o mundo sob a perspectiva da cultura em que cresceu - em uma expressão que se tornou famosa, ele disse que estamos acorrentados aos ‘grilhões da tradição’. O antropólogo deveria procurar sempre relativizar suas próprias noções, fruto da posição contingente da civilização ocidental e de seus valores” (Boas, 2005, p. 18).

a existência de teorias que se reivindicam marxistas, mas não são, porque contradizem, na essência, as premissas do método.

Vale observar, ainda, nesta breve introdução, que o método Materialismo Histórico Dialético é uma abordagem teórico-científica voltada completamente à análise de fenômenos sociais, enquanto a prática política, marxista e revolucionária, está relacionada a outra questão – e não é objeto deste ensaio, que se aterá ao aspecto teórico. No entanto, o papel potente e transformador da ciência é uma característica do método que interessa muito aos estudos nas áreas de humanas e estudos culturais. Afinal, como afirmou o próprio Marx em *A Miséria da Filosofia* (1847), mais do que compreender as sociedades, é preciso transformá-las.

Como aponta Netto (2012, p. 6), Marx sempre esteve certo de que, para esta transformação, seria necessário unir teoria e prática. No entanto, é no decorrer de sua produção que ele faz a opção pela via revolucionária; ou seja, sua teoria social já estava em construção antes mesmo de poderem associá-lo ao comunismo.

Em outras palavras, o que se pretende demonstrar neste pequeno ensaio é que há a compreensão de que, assim como as culturas são complexas e dinâmicas, a metodologia marxista também o é, o que a faz plenamente capaz de ser utilizada como lente de observação também dos fenômenos culturais.

## **NADANDO CONTRA A CORRENTE**

A grande contradição reconhecida pela própria Antropologia é que o olhar do observador está sempre contaminado pelo seu meio. Não é possível olhar para qualquer sociedade despido de conceitos prévios, vícios e predileções. Sendo assim, é coerente afirmar que em meio às sociedades capitalistas, pós-modernas, onde a ordem é a relativização de (quase) tudo, inclusive das condições materiais, também não é possível oferecer um olhar isento.

O exercício de estranhamento não é apenas uma dificuldade, é um drama. Como se despir de todo o referencial cultural no qual estamos inseridos? É como nadar contra a corrente. Dito isso, é preciso assumir, primeiro, que o estudioso da cultura está amarrado a um determinado contexto e, segundo, para analisar algum fenômeno social, fará opções de lentes para isso.

No contexto da consolidação das teorias da cultura, que se dá também em meio ao surgimento do pós-modernismo, em meados do século XX, há algumas observações pertinentes. A importância da Guerra Fria, em que duas concepções de

organização de sociedade estão em disputa, é a primeira observação. As disputas entre os projetos capitalista e socialista mobilizaram o mundo entre 1947 e 1991. Com a vitória dos Estados Unidos da América, a queda do Muro de Berlim, em 1989, foi uma imagem<sup>4</sup> utilizada para sepultar a ideia de possibilidade de outra sociedade, que não a capitalista. As fotos que percorreram o mundo de pessoas destruindo, raivosamente, o muro, tiveram o objetivo claro de simbolizar, isto é, entregar, a seguinte mensagem: o capitalismo venceu.

Como não poderia ser diferente, esta lógica é reproduzida também em outras esferas de disputa de poder, como a intelectual, acadêmica. Assim, as teorias pós-modernas tentam se apresentar, cada vez mais, como alternativas às teorias marxistas – cujos ideais, afinal, para muitos foram vencidos pela derrocada da União Soviética.

Maria Elisa Cevasco, uma das grandes referências nacionais no debate acerca da crítica cultural materialista, refere-se ao “marxismo tradicional” no texto “Estudos Culturais no Brasil” da seguinte forma, ao lembrar a Revista Clima, publicação acadêmica fundada por alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP na década de 1940:

A estrela política do grupo era Paulo Emilio Salles Gomes (1916-1977). Ligado ao partido Comunista na juventude, vai desenvolvendo uma postura cada vez mais claramente anti-stalinista, de um socialismo independente conservando, o mesmo que vimos ocorrer com os membros da New Left, sua adesão a um marxismo despido de dogmatismos [...] Segundo lembra Antonio Candido, aqui também faltavam fontes de inspiração: “Não se conheciam os escritos que orientariam gerações futuras em um enfoque mais livre do marxismo, como os de Gramsci, Korsh, Bloch; não havia escola de Frankfurt [Adorno, Benjamin, Marcuse, entre outros] e nem New Left Review” (Cevasco, 2003, p. 4).

O fato de a autora observar a iniciativa de Paulo Emílio Salles Gomes, segundo a mesma, “estrela da Revista”, para se afastar do stalinismo e, mais adiante, utilizar termos como “socialismo independente”, “marxismo despido de dogmas” e “enfoque mais livre do marxismo” demonstra que, para a autora, o marxismo tradicional é o stalinista, imbuído, para ela, de dogmas, amarras e limitações (em outro momento do mesmo texto, Cevasco também cita a burocratização da União Soviética). Para essa perspectiva, as experiências políticas soviéticas sob Stálin, bem como a produção acadêmica inspirada por esse período, são marcadas por práticas autoritárias, burocráticas e dogmáticas que, em verdade, se distanciam do que seria a teoria marxista original. A discordância, portanto, refere-se ao fato deste marxismo, pautado

---

<sup>4</sup> Para contemplar também Baitello Junior, em A Era da Iconofagia, 2014. Para o autor, nossas reações e sentimentos sobre pessoas e situações não derivam de nossa experiência direta, senão de nossas imagens mentais, já pré-fabricadas por nosso sistema social (2014, p. 4).

na experiência stalinista, ser chamado “tradicional”, muito embora a própria autora identifique que, naquele momento, outros autores marxistas, com outros perfis, ainda não eram conhecidos. Vale explicitar, ainda, que, para alguns autores, o próprio stalinismo trabalhou para esconder as contribuições de muitos autores marxistas, como Gramsci, Rosa Luxemburgo, como aponta Paul Frölich, citado por Daniel Guérin:

O suposto mito da espontaneidade em Rosa Luxemburgo não se aguenta de pé (...). Foi, não Lenin, mas, após sua morte, Zinoviev que lançou essa acusação mentirosa a fim de estabelecer a autoridade absoluta do partido bolchevista na Internacional Comunista. O antiluxemburgismo foi, na escolástica stalinista, um artigo de fé. Tornou-se a expressão adequada de uma mentalidade de burocratas de Estado e de Partido que não conduziam as massas para a luta, mas subjugavam as massas desarmadas e cativas (Frölich *apud* Guérin, 1982 p. 109)

Em seu artigo, Cevasco apresenta, ainda, a “Nova Esquerda” inglesa como alternativa crítica ao “dogmatismo” marxista. Sobre isso, Marcelo Badaró Mattos (2014) identifica que o debate inglês da chamada “*New Left*”, inspiração de Cevasco, representam uma tentativa de “recuperação/aprofundamento da perspectiva marxista clássica” (*Ibdem*). No entanto, esta tentativa é influenciada por uma certa “confusão” motivada pelo contexto histórico, a partir da ampliação da capacidade de consumo dos trabalhadores e fronteiras entre as classes.

Para exemplificar, Mattos reproduz trecho do argumento utilizado por Raymond Williams na obra *The long revolution*:

Como pode alguém saber, numa nova cidade ou em um novo conjunto habitacional, se pertence à classe “trabalhadora” ou “média”? Os significados tradicionais que emergem não são dados em termos econômicos (onde, como vimos, a distinção entre classe trabalhadora-classe média é muito difícil de desenhar), mas em termos de estilo de vida e comportamento. “Classe trabalhadora”, para muitas pessoas, é simplesmente uma memória de pobreza, má moradia, e exposição ao risco, enquanto “classe média” é um nome para dinheiro para gastar, moradias melhores, e uma vida mais equipada e controlada (Williams *apud* Mattos, 2014, s/p).

A partir disso, alguns autores que se auto-reivindicam marxistas, passam a flexibilizar, de modo comprometedor, categorias centrais do método, como a própria ideia de classe social, cujo sentido remete não simplesmente a termos econômicos – em escala tabelada, por exemplo –, mas ao jogo político-econômico que movimenta disputas a partir de interesses de grupos sociais absolutamente distintos. Influenciados pelos novos ventos, alguns autores passam a relativizar dados materiais concretos, como as próprias condições de vida, visíveis e palpáveis, dando maior ênfase ao sentimento individual de pertencimento. Mattos, no entanto, conclui que os conceitos de “classe” e “cultura”, que ganhavam espaço na academia (tal

qual as disputas de projetos protagonizadas pela Guerra Fria, acrescentaríamos), também são “questões centrais do debate político estratégico para aqueles que continuavam comprometidos com um projeto de transformação social” (Mattos, 2014, s/p).

Contrapondo-se a este esvaziamento, teorizam Silva, Brites, Oliveira *et al*:

No contexto contemporâneo, investe-se na despolitização da vida pública e na recusa da validade ideológica da definição de esquerda e direita na política. Contribuem para essa despolitização a derrocada do socialismo soviético, o atual estágio de acumulação do capital e a ideologia pós-moderna. Esta última recusando a centralidade do trabalho na vida social, os valores universais e insistindo na perspectiva subjetivista e contingencial de análise da realidade (*Idem*, 2014, p. 412).

Embora, alguns autores cheguem a afirmar uma coexistência de diferentes perspectivas políticas nas sociedades atuais – citando como exemplo políticas relacionadas ao projeto social democrata -, as ações sempre recaem neste sentido: recusa das diferenças ideológicas que marcam a contraposição de projetos sociais, despolitização e a perspectiva subjetiva sempre se sobrepondo aos valores universais, o que contribui não só com a permanência do modo de produção vigente e as desigualdades provocadas por ele, mas até mesmo para o aprofundamento deste cenário.

A favor da ideologia de extrema-direita jogam um peso diferenciado toda a cultura pós-moderna e neoliberal, com seus traços constitutivos: efêmera, irracional, fragmentária, contingencial, negadora de valores universais, das formas clássicas de organização e participação política (sindicatos, partidos, movimentos sociais), de militarização da vida social, de produção da cultura do medo e da insegurança, de banalização da vida (Silva *et al*, 2014, p. 420-421).

Assim, sob o argumento de engessamento, categorias marxistas de análises, como estrutura, superestrutura, trabalho, foram sendo cada vez mais criticadas, a partir do entendimento equivocado de que a teoria marxista “dita” o que é mais importante observar em determinada sociedade. No entanto, refutar uma metodologia baseada nas condições concretas e materiais (materialismo) dentro de determinado contexto (histórico), refletindo sobre as relações dali decorrentes, considerando aspectos micro e macro que se tocam e transformam contraditória e mutuamente (dialético), deveria exigir um pouco mais de esforço.

A categoria “trabalho”, por exemplo, é central dentro da teoria marxista. Nenhuma sociedade sobrevive sem produzir, mesmo que seja o próprio alimento, a roupa que vai vestir, o abrigo onde vai se proteger. Essas produções criam relações, e essas relações dão a dinâmica da sociedade. Se é diferente em cada lugar, não se pode afirmar que uma



metodologia “ditou sobre o que é importante observar”, porque as relações decorrentes das construções serão diferentes, e justamente essas diferenças permitirão o aprofundamento das análises.

Não é verdade que o método marxista dita o que é mais importante observar. Ele identificou categorias centrais de análise, comuns em todas as sociedades<sup>5</sup>, que vão além do modo e das relações de produção, recaem também sobre as relações de disputa por poder e pelas próprias contradições internas das sociedades.

Em contraposição, fugindo das amarras das análises marxistas, a metodologia pós-moderna oferece a relativização cultural. Se comparadas, grosso modo, poderíamos encontrar semelhanças entre os exercícios de relativização pós-moderna e a contextualização histórica marxista. No entanto, o grande diferencial é que a relativização pretende se despir, inclusive, dos traços de materialidade intrínsecos ao método marxista.

Em Boas (2005, p. 18), o relativismo tem mais do que um fundo metodológico, “serve também para ajudar a lidar com as difíceis questões colocadas para a humanidade pela diversidade cultural”, afirma o antropólogo Celso Castro, referindo-se à obra *Raça e Progresso*, publicada em 1931.

Ocorre que “as difíceis questões” – isto é, questões polêmicas - lançadas para a humanidade, também são políticas, humanas, sociais e, muito frequentemente, desiguais. Vale lembrar que as análises culturais, pela própria natureza humana e social, têm objetivos para além do conhecer. É o caso dos estudos de gênero, étnico-raciais, e aqueles voltados à sexualidade. A própria história da Antropologia é marcada pelo uso político-econômico dos conhecimentos produzidos acerca de alguns povos, sobretudo, os originários. Assim, compreender determinado contexto, por vezes, pode resultar na demonstração de maneiras de transformá-lo, e é justamente nesse sentido que a opção metodológica faz a diferença. O que se pode relativizar ou não de determinado contexto? É possível supervalorizar a análise em âmbito micro, como prioriza a semiótica da cultura, evitando o exercício dialético, mais amplo, quando as informações encontradas em determinado espaço descrevem cenários de desigualdade? Parece ser justamente este o ponto de atrito entre as duas propostas – escolhas - metodológicas. Duas opções de lentes que, ao final, certamente ofereceriam diferentes conclusões se aplicadas

---

<sup>5</sup> “A história de todas as sociedades até os dias atuais é a história da luta de classes.” A frase de abertura do Manifesto do Partido Comunista (1848) não é apenas uma frase de efeito, é resultado de pesquisas históricas das relações sociais estabelecidas em todas as sociedades, em que há, em menor ou maior grau, divisão social do trabalho da qual decorrem, consequentemente, hierarquizações e dominações.

a um mesmo contexto analítico – uma, mais voltada a apontar as contradições que precisam ser modificadas, outra voltada à compreensão pura, isolada e inerte das relações ali identificadas.

Restrepo (2015), por sua vez, critica justamente a despolitização que caracteriza os estudos culturais sobre a América Latina produzidos desde as perspectivas eurocêntrica ou estadunidense. Segundo o autor, os estudos culturais latino-americanos produzidos dentro da América Latina são *avant la lettre*, isto é, existem desde muito antes do surgimento da própria nomenclatura, e têm clara “vocação política”, inclusive porque suas produções, muito embora estejam sendo “descomunalmente” institucionalizadas, tiveram seu início marcado pela marginalidade dentro da academia. Especialmente a escola europeia, demonstra Quijano (2005), desempenha trabalho intelectual fundamental para o fortalecimento da ideia de “raça”, com objetivo - obviamente não declarado -, de controlar o trabalho, a produção de mercadorias e riquezas, de suas col nias. Ou seja, a aparente “despolitização” das produções culturais, pós-modernas, tem razão de ser.

Vale refletir, ainda, sobre o fato de, se, para as humanas e sociais, a ideia é conhecer para transformar, o viés materialista do tripé metodológico marxista é capaz de proporcionar maior objetividade da análise, na medida em que o foco recai sobre o aspecto coletivo - sem ignorar a importância do elemento subjetivo na atividade dos homens em sociedade (Mattos, 2014), e não o individual, como preconiza o método pós-moderno – e, coincidentemente ou não, os projetos de sociedade liberal e neoliberal.

O conflito entre conteúdo e forma é outro aspecto muito importante que diferencia as metodologias marxistas e pós-modernas. O exercício da dialética consiste, justamente, em expandir, desmistificar a aparência para encontrar o seu conjunto de determinações, desafiando inclusive os parâmetros sociais enraizados na formação do pesquisador. Em contraposição, o apreço pela forma, característica do pós-modernismo, pode esvaziar de sentido o objeto, direcionando o foco de compreensão para algo que, talvez, não seja o mais relevante.

Pierre Levy (2010), por exemplo, admite que o espaço virtual representa um tipo de socialidade, muito embora reconhecidamente superficial. Superficialidade característica da pós-modernidade, e que, analisando concretamente, correm o risco de extrapolar a virtualidade e incidir, diretamente, nas condições reais de vida. Isso ocorreu volumosamente no Brasil em 2013, com as chamadas mobilizações de junho, mobilizações organizadas pela internet, sem qualquer tipo de aprofundamento reflexivo, pautadas nas relações pessoais, e abrindo caminho para o impeachment de Dilma Rousseff, três anos depois. Pouco se pensou sobre o que representaria esta ação   época, mas o esvaziamento político deste



fenômeno, associado à incapacidade de os setores hegemônicos da esquerda incidirem e interpretarem o processo, pode ter influenciado, até os dias atuais, a ascensão da extrema-direita e a piora das condições de vida da população pela precarização do trabalho promovido pelas reformas trabalhista e da previdência, especialmente. Essa “modernidade líquida”, a fluidez das relações pessoais, essa superficialidade, é trazida com preocupação por Bauman (2001), mas admitida por autores pós-modernos como um fato com o qual temos que lidar sem, necessariamente, a indicação de que, mais do que saber lidar, é preciso transformar essa realidade.

Para muitos deles a tecnologia é vista como um modelo novo de aprendizagem. Nas escolas brasileiras, ganhou *status* de disciplina, tomando boa parte do tempo dos estudantes, no lugar das disciplinas clássicas, como história, sociologia, ou até mesmo química, mas está relegado a segundo plano o debate sobre o fato de que, quem está dando a linha deste novo modelo de aprendizado junto aos governos, são as fundações internacionais e grupos empresariais, interessados em nenhuma transformação social, ou seja, na manutenção do *status quo*.

Essa é uma questão que toca, particularmente, os estudos dentro da Comunicação, área torneada de relações de disputa de poder, que muitas vezes ficam esquecidas pela ênfase da forma como essas disputas se apresentam, e não necessariamente suas reais intenções. Assim, os teóricos da Escola de Frankfurt, por exemplo, que escrevem também a partir do contexto histórico no qual estamos focados – marcado pelas disputas da Guerra Fria – se mostram interessados no debate em torno da forma, ou da “estética”. É evidente que a forma, ou a estética, é um mecanismo importante de composição das mensagens que permeiam as disputas ideológicas, como demonstram as experiências políticas vivenciadas mundialmente no decorrer do século XX, a partir das propagandas, tanto nazistas, quanto soviéticas e estadunidenses. Adorno e Horkheimer levantaram brilhantemente aspectos de dominação por meio da comunicação e da arte. No entanto, esse aspecto se tornou um grande entrave para a área da Comunicação, já que os ideais de ruptura pós-modernas, por vezes, provocam uma imersão desregulada e até mesmo equivocada nos contornos da forma, o que incide em dificuldades subsequentes no aprofundamento dos problemas propostos, ou mesmo no desperdício de tempo e espaço dedicados a tais averiguações. Se a crítica às teorias marxistas na perspectiva pós-moderna se deve às suas limitações, da outra parte, a crítica pode ser justamente essa: não há nenhuma limitação; o que há é uma ameaça concreta ao *status quo*, isto é, às relações capitalistas, falsamente criticada por teorias que se apresentam como

alternativas críticas, mas têm como verdadeira função enfraquecer a perspectiva materialista histórica dialética.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as teorias e metodologias acompanham seu tempo, contribuindo, inclusive, para a manutenção ou contestação da ordem vigente manifesta pelas forças políticas, econômicas e, por que não, culturais. Na concepção marxista, política pressupõe prática, e a produção intelectual também é uma prática e, portanto, política.

Comparando as propostas de análise marxistas e pós-modernas, há aspectos aparentemente não tão excludentes, como a premissa metodológica de contextualização ou relativização. As teorias pós-modernas criticam e tentam superar as teorias marxistas a partir de argumentos de engessamento, tendo como referência apenas as expressões stalinistas. No entanto, a contextualização é uma premissa da teoria marxista a partir da historicização do objeto, expandido ainda mais a partir do exercício dialético – uma das partes do tripé Materialismo Histórico Dialético.

As duas opções teórico-metodológicas disputam desde o contexto político-econômico bem marcado entre o final da Segunda Guerra Mundial e todo o período da Guerra Fria, tendo como resultado a vitória, por ora, do projeto capitalista de sociedade. Neste contexto, as disputas ideológicas se fazem também na retórica, adentrando ao ambiente acadêmico, no qual as técnicas utilizadas, obviamente, podem influenciar nos resultados das análises, mais ou menos transformadores de realidades.

Se o pós-moderno é a ordem, o exercício do pesquisador de humanas comprometido socialmente deveria ser, ainda, nadar contra a corrente, a partir da utilização do método verdadeiramente marxista – não o stalinista que, como apontado por Guérin (1982), parece ressaltado propositalmente para enfraquecer esta teoria tão importante que se faz presente dentro da academia desde a sua concepção.

Vale destacar que este debate não é, simplesmente, uma defesa de qual seria o melhor método, muito embora os pesquisadores sempre se deparem com esta questão a depender do seu objeto e dos resultados que espera encontrar. A ideia, aqui, foi demonstrar que o método marxista é plenamente capaz de trazer bons resultados para as análises culturais, e que ambas as teorias cumprem sua função social e política. Cabe ao pesquisador identificar, reconhecer e assumir quais são os interesses da sua pesquisa, e não mascarar sua opção pela manutenção da

ordem com ataques infundados a uma teoria que, de fato, com todas as contradições naturais a todas as produções humanas, deseja profundamente a transformação.

Ressaltamos, ainda, que é importante criticar a teoria marxista, assim como qualquer outra, sempre com o objetivo de fortalecer os mecanismos do próprio fazer científico. No entanto, atribuir a ela aspectos puramente stalinistas, negando inclusive o exercício da relativização com relação a contextualização histórica e dialética no qual essas teorias foram forjadas, incorre no risco de atribuir ao método preconceitos que beneficiam a própria ordem vigente, distanciando ainda mais o pesquisador de seu objetivo.

Como preconizou Geertz (1989), compreender a cultura (que inclui aspectos políticos, econômicos, humanos, sociais, entre outros) é compreender a própria natureza, e esse processo nunca vai acabar. A história se repete, primeiro como tragédia e depois como farsa, escreveu Karl Marx no Dezoito Brumário de Luís Bonaparte, em 1852. Essa ideia demonstra que o período atual, embora muito diferente, cheio de tecnologias e novidades, continua sendo um espaço amplo de disputas ideológicas e aprofundamento da exploração capitalista; acreditar que ideias capitalistas e socialistas podem coexistir pacificamente é, inclusive, perigoso, porque nos faz perder a perspectiva de transformação radical da sociedade.

## REFERÊNCIAS

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da Iconofagia**: Reflexões Sobre Imagem, Comunicação, Mídia e Cultura. Paulus Editora; 1ª edição, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Textos selecionados, apresentação e tradução de Celso Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CEVASCO, Maria Elisa. Lição 10: Estudos culturais no Brasil. **Alternativas: Latin American Cultural Studies Journal**, Columbus, n. 3, 2014. Disponível em: <http://alternativas.osu.edu>. Acesso em: 27 de abr. 2025.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **O manifesto comunista**. 5.ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999. 65 p.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura e A briga de galos balinense. In. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GUÉRIN, Daniel. **Rosa Luxemburgo e a espontaneidade revolucionária**. Editora Perspectiva Ltda., 1982.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2010

LIMA, Venício A. de. “Breve roteiro introdutório ao campo de estudos da Comunicação Social no Brasil”. In. LIMA, Venício. **Mídia, Teoria e Política**. São Paulo: Perseu Abramo, 2001. P. 21-53.

MATTOS, M. B. **O marxismo inglês da 'Nova Esquerda' e o debate materialista sobre cultura e alienação**, 2014. Disponível em: [https://www.herramienta.com.ar/o-marxismo-ingles-da-nova-esquerda-e-o-debate-materialista-sobre-cultura-e-aliena-o#\\_ftn1](https://www.herramienta.com.ar/o-marxismo-ingles-da-nova-esquerda-e-o-debate-materialista-sobre-cultura-e-aliena-o#_ftn1). Acesso em: 17 ago. 2024.

ORTNER, Sherry. **Teoria na antropologia desde os anos 60**. Mana, v. 17, n. 2, p. 419-466, 2011.

QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do poder: eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RESTREPO, Eduardo. **Sobre os Estudos Culturais na América Latina**. Educação. Porto Alegre [online]. 2015, vol.38, n.1, pp.21-31.

SAHLINS, Marshall. Adeus aos tristes tropos: a etnografia no contexto da moderna história mundial. In. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2007.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno?**. 22. reimpr. da 1. ed. de 1986. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos).

SEIXAS, Renato. Globalização cultural e multiculturalismo na América Latina: análise a partir de experiências das civilizações pré-colombianas. **Revista de Direito Privado da UEL**, Universidade Estadual de Londrina, v. 3, n. 1, jan.-abr. 2010.

SILVA, Adriana Brito da; BRITES, Cristina Maria; OLIVEIRA, Eliane de Cássia Rosa; BORRI, Giovanna Teixeira. A extrema direita na atualidade. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 119, p. 407-445, jul./set. 2014.

WOLF, Eric. Cultura: panaceia ou problema? In. FELDMAN-BIANCO, B.; RIBEIRO Gustavo L. (org.). **Antropologia e Poder**. Contribuições de Eric R. Wolf. São Paulo: Ed. UNB/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Ed. UNICAMP, 2003.